



Mineração não tem gênero. Tem competência!

A mineração, historicamente, foi construída como um espaço masculino. Da operação em minas às áreas técnicas e administrativas, consolidou-se a ideia de que esse é um setor “naturalmente” ocupado por homens.

Os números mostram que esse imaginário ainda persiste.

Na ANM, 73,1% dos cargos são ocupados por homens, enquanto 26,9% são ocupados por mulheres (dados extraídos do GOV360). Esse cenário reflete uma realidade estrutural do setor mineral brasileiro, que, por décadas, associou a mineração à resistência, à força física e a papéis tradicionalmente atribuídos à figura masculina, mesmo quando **essas características não definem as atividades desempenhadas**.

Dados oficiais do Governo Federal indicam que as mulheres seguem sub-representadas em áreas como engenharia, mineração e geologia, apesar de **apresentarem níveis de escolaridade iguais ou superiores aos dos homens em diversos recortes educacionais**.

Falar sobre equidade de gênero na mineração não significa ignorar a história do setor ou desconsiderar os contextos que moldaram sua formação ao longo do tempo. Pelo contrário, trata-se de **reconhecer que o futuro da mineração depende da ampliação de perspectivas**, da valorização de diferentes trajetórias profissionais e do aproveitamento pleno dos talentos disponíveis na sociedade.

Estudos e indicadores nacionais e internacionais demonstram que ambientes mais diversos tendem a apresentar melhores processos decisórios, maior capacidade de inovação e maior eficiência institucional, fatores estratégicos para um setor que lida com desafios técnicos, regulatórios e socioambientais cada vez mais complexos.

Promover a equidade é garantir que as **competências** (e não os estereótipos) sejam o **critério** central para ocupar espaços mais justos, eficazes e representativos.

A ANM deve reconhecer esse desafio e reafirmar seu compromisso com a construção de um ambiente institucional que valorize o respeito, a inclusão e a igualdade de oportunidades. **Porque a mineração não depende de gênero, e sim de competência.**